



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS**

NAIARA DE ARAÚJO LIMA VERDE VIANA

**A CARGA IDEOLÓGICA DE GÊNERO NO LÉXICO DO
PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA.**

**PICOS
2019**

NAIARA DE ARAÚJO LIMA VERDE VIANA

**A CARGA IDEOLÓGICA DE GÊNERO NO LÉXICO
DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA.**

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientador: **Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros**

PICOS

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

V657c Viana, Naiara de Araújo
Lima Verde.

A carga ideológica de gênero no léxico do português: uma análise filológica. / Naiara de Araújo Lima Verde Viana. - - Picos,PI, 2019.

31 f.

CD-ROM ¾ pol

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2020.
“Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.”

1. Filologia. 2. Ideologia. 3. Preconceitos Sociais - Machismo. 4. Mulher. I. Título.

CDD 410

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
 Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
 Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 18 horas do dia 13 de dezembro do ano de dois mil e dezenove, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – Pi, sob a presidência do **Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna **Naiara Araújo Lima Verde Viana**, do curso de Letras desta Universidade com o título, **A carga ideológica de gênero no léxico do português: uma análise filológica**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros** (orientador-presidente), **Profª. Ma. Valdisnéia Lúcia de Sousa** (1º examinador) e **Profª Ma. Fernanda Martins Luz Barros** (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguida de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se ao julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido as seguintes notas: 10,0 (dez); 10,0 (dez) e 10,0 (dez). Apuradas as notas verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 10,0 (dez). E para constar, eu, **Luiz Egito de Souza Barros**, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 13 de dezembro de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Luiz Egito de Souza Barros
Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros
 Presidente

Valdisnéia Lúcia de Sousa
Profª. Ma. Valdisnéia Lúcia de Sousa
 1º avaliador

Fernanda Martins Luz Barros
Profª Ma. Fernanda Martins Luz Barros
 2º avaliador

A CARGA IDEOLÓGICA DE GÊNERO NO LÉXICO DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA.¹

Naiara de Araújo Lima Verde VIANA²
Luiz Egito de Souza BARROS³

RESUMO

A proposta do presente artigo é analisar marcas ideológicas na forma e significado de determinadas palavras, no que tange aos preconceitos sociais, principalmente aos de gêneros, no qual fica evidente que a figura da mulher é representada como inferior a do homem e que grande parte do léxico se compõe de palavras que refletem tais preconceitos. Para tal, foi feita uma análise documental de cunho qualitativo; buscamos itens lexicais em dicionários e analisamos alguns fundamentos da gramática do português. Portanto, este trabalho consiste de uma análise filológica e busca o entendimento e a reflexão sobre como a visão de mundo e as ideologias presentes numa sociedade refletem na fixação das palavras na língua, no seu comportamento gramatical e, conseqüentemente, na construção do léxico. Para fundamentar o contexto central do trabalho, adota-se como marco teórico as orientações de Oliveira (1904), Fiorin (2017), Carvalho (2001), Muraro (1993), Bazanessi (2004), Saffioti (2002), Bakhtin (1995), Bagno (2012).

Palavras-chave: Mulher. Ideologia. Língua. Filologia. Machismo.

1. Introdução

Sabendo-se que as palavras de uma língua surgem a partir de uma necessidade discursiva, e que estas traduzem e refletem os modos de vida da comunidade, é de importância a verificação, estudo e análise de como a visão de mundo da sociedade influencia a forma e a significação das palavras, principalmente aquelas relacionadas a figura da mulher na sociedade e todos os processos formadores pelos quais essas palavras passam.

O estudo da linguagem dialoga com diversas áreas, como por exemplo a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Análise do discurso, entre

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

² Aluno regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: naiaraalvv2@gmail.com

³ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2004). Professor Assistente da UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos – PI. E-mail: luzegi@yahoo.com.br

outras, isso acontece porque o ser humano e a linguagem são inseparáveis. Alguns desses estudos buscam explicar e entender fenômenos da influência da “visão de mundo” ou do contexto social, para o significado ou origem de algumas palavras, que mostram o reflexo dos comportamentos de uma sociedade e sua relação com a linguagem.

Buscar a origem das coisas sempre foi do interesse humano. A curiosidade, a busca de conhecimento e a tentativa de entender o presente através do passado, movem esse tipo de investigação. Como a visão de mundo do indivíduo influencia a forma e a significação atribuída às palavras? Essa relação do homem com o mundo mediada pela linguagem afeta a sociedade? Nesse sentido, por exemplo, que palavras possuem carga ideológica negativa que evidenciam o machismo em sua origem?

Entender como esses preconceitos ficam registrados nas formas da língua vai além de analisar apenas a sociedade, é importante também analisar a linguagem e a influência desses comportamentos manifestados nas palavras e termos que, dentro da sua forma e significação, podemos encontrar marcas da ideologia presentes na comunidade, já que as palavras são retrato da visão social de épocas passadas e da atual. Oliveira (1994, p. 22) diz:

Se pusermos o campo etimológico que gravita em torno de “homem e mulher”, entre “homem não chora!”, e “mulher é sexo frágil” – e vários outros termos do gênero – ainda tão vivos em nosso cotidiano cultural, veremos que não há uma distância tão grande entre um nome e a coisa quanto o tempo e a sua máscara de modernidade possam nos sugerir. Novamente a voz de Austin ecoa: “Uma palavra nunca se desvincula totalmente de sua etimologia”.

A língua é algo vivo, dinâmico e está sempre se adequando ao contexto social, às necessidades comunicativas e às manifestações do espírito humano e, ao mesmo tempo, reflete esse contexto e essas manifestações da espécie humana. Portanto, estudar a razão de preconceitos atuais, como os de gênero, buscando suas manifestações desde as origens das formas e significações de alguns termos, é algo pertinente aos dias de hoje, já que é bastante comum o machismo em todas as esferas de convivência social. Dito isto, os objetivos deste trabalho são, em primeiro lugar, identificar palavras cuja origem e contexto histórico revelam a visão de mundo da sociedade ou da comunidade em que ela surgiu e expor as ideologias com relação à

posição das mulheres; em segundo lugar, verificar como a influência das ideologias fica registrada nas formas linguísticas e no sentido etimológico dessas palavras.

Metodologicamente, foi feita uma discussão sobre o pensamento e interpretação de vários autores a respeito do tema em questão, em busca de uma resposta aos questionamentos propostos sobre a influência da visão de mundo na significação e na forma das palavras. Realizou-se também um percurso histórico observando como a mulher era/é vista nos campos social, religioso e político, além da análise de palavras e de ditados populares, com o intuito de observar de que forma a língua reflete essa visão ideológica.

A pesquisa é de caráter descritivo e o método de procedimento é o bibliográfico, fazendo uso de livros, artigos, revistas, dicionários, blogs e apêndices. A abordagem utilizada é a qualitativa, com o objetivo de analisar criticamente os dados coletados. Usou-se também o método hipotético-dedutivo, para verificar se/como a ideologia influencia na forma e na significação de determinadas palavras e terminologias.

Adotaram-se, como marco teórico, as orientações de Castro (1992), Coutinho (1976), Fiorin (2017), Carvalho (2001), Oliveira (1994), Muraro (1993), Bazanessi (2004), Saffioti (2002), Bakhtin (1995), Bagno (2012).

2. A Filologia e a ideologia na análise da linguagem

A Filologia é responsável por estudar textos antigos, levando em conta o contexto da época, a cultura, a sociedade e a história de um povo. O seu estudo se faz importante porque através dele podemos perceber a “visão de mundo” de uma determinada época e sociedade, e ver o reflexo dela através da língua. Sobre a Filologia, Castro (1992, p. 124) a definiu da seguinte forma:

A ciência que estuda a gênese e a escrita dos textos, sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifesta do autor.

Através de Castro, pode-se entender a filologia como um meio de preservação de textos antigos, mas também como uma ciência que estuda as características externas a esse texto, que vão além do ato linguístico.

Ainda sobre a definição e entendimento da filologia, Coutinho (1976, p. 17) diz que a “Filologia é a ciência que estuda a literatura de um povo ou de uma época e a língua que lhe serviu de instrumento. ” Com isso, temos uma base sólida para usar essa ciência como meio de entender a “visão de mundo” de uma sociedade e época, e como a sua ideologia afetou ou exerceu influência em diversas palavras com seus respectivos significados no léxico do português.

Quanto à ideologia, não há como negar sua influência sobre a construção das palavras e significados. Antes de aprofundar-se no tema, é importante definir primeiro o conceito de ideologia. Fiorin (2007) aborda um dos pontos de vista sob o qual se pode estudar a linguagem, que é por meio da “visão de mundo”. Fiorin (2007, p. 30) afirma que “a ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade”, ou seja, não se separa a ideologia do meio. Ainda de acordo com Fiorin (2007, p. 32):

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem.

A ideologia e a linguagem são inseparáveis. Uma sociedade que tem uma determinada ideologia, ou forma de enxergar uma realidade, vai ter reflexos dessa ideologia na linguagem. Dessa forma, pode-se usar a filologia como meio para o estudo e análise de determinadas palavras, e assim descobrir a forma de pensar dessa sociedade, a sua cultura e visão de mundo, tanto na época em que a palavra surgiu, por mais antiga que ela seja, quanto na época atual.

Os nomes dados às coisas não são como etiquetas, porém, as palavras são recortes do mundo referencial. Para Carvalho (2001) não há neutralidade ou imparcialidade absoluta, já que as unidades da língua refletem a subjetividade dos seus usuários. Dessa forma, a sua interpretação de mundo transparecerá.

Ainda sobre o que diz respeito à carga cultural que as palavras carregam, Carvalho (2001, p. 102) reforça que “o estudo de palavras, nas quais o componente cultural manifesta-se com mais intensidade, pode ser o fio condutor para o conhecimento de uma comunidade”. Tendo isso em mente, não se pode esquecer que ao estudar e analisar uma língua ou palavras que compõem o seu léxico, obtém-se conhecimento também sobre a cultura de um povo e de uma época. Esse estudo pode

determinar que visão a sociedade tinha das mulheres, por exemplo, no sentido de que posição elas ocupavam na sociedade, no campo religioso, político e histórico. Isso pode ser determinado também por meio do estudo da língua, tendo a Filologia como suporte.

Quanto a esse estudo, a etimologia também traz sua contribuição. Oliveira (1994) compara a palavra a uma fotografia, que registra o contexto de uma época e do seu ambiente, e o congela na etimologia. Segundo ele, essa via de conhecimento servirá de ajuda no entendimento do passado, que conseqüentemente servirá para a compreensão do presente.

Analisar e estudar o passado em relação à história da mulher, servirá de esclarecimento sobre a visão social quanto ao papel e a posição que lhes era esperado/imposto. Dessa forma, faz-se necessário um retorno no tempo para que se possa analisar e expor, detalhadamente, as atribuições dadas ao sexo feminino em seus vários contextos.

3. O olhar da sociedade sobre gênero e a mulher como ser social

Para que se possa entender e analisar de que forma há a presença de marcas ideológicas na forma e significação de determinadas palavras, é necessário que se volte no tempo e verifique-se como a sociedade encarava o gênero feminino nos seus vários campos. Para tanto, será explicitado o papel da mulher no decorrer do tempo, sob a perspectiva histórica, religiosa, social e política.

A princípio, é importante entender o que é ser mulher. A definição encontrada no *Dicionário Houaiss* (2015) sobre o termo “mulher” é a seguinte:

Mulher: indivíduo do sexo feminino considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de determinada região geográfica, época etc. no sentido figurado, na tradição, como indivíduo e/ou coletivamente, representação de um *ser sensível, delicado, afetivo, intuitivo; fraco fisicamente, indefeso (o 'sexo frágil'), idealmente belo (o 'belo sexo'), devotado ao lar e à família (mulher do lar) etc.*

Os adjetivos apresentados no sentido figurado pelo dicionário sugerem que ser mulher está relacionado a inferioridade, dedicação exclusiva ao meio familiar e características limitadas. Essa visão tanto é antiga quanto enraizada na sociedade,

em que se observa os papéis designados a homens e mulheres. Para Perrot, (2005, p. 269):

Os homens estão ao lado da razão e da inteligência que fundam a cultura, a eles cabe a decisão, a ação e, conseqüentemente, a esfera pública. As mulheres se enraízam na Natureza, elas têm o coração, a sensibilidade, a fraqueza também. A sombra da casa lhes pertence.

Os termos homem e mulher tentam ser compreendidos através da oposição entre eles, então se o homem é a razão, a mulher é o sentimento. Dessa forma, pode-se entender que tudo que o homem é, a mulher não pode ou deve ser, e vice-versa. Essa ideia parece ser baseada nos aspectos físicos, já que o corpo masculino e o feminino se opõem em algumas partes. O que se sabe é que desde os primórdios, na maioria dos cenários, a mulher é vista como inferior e sujeita ao homem, e essa visão é refletida na língua. A partir disso é possível constatar-se como essa definição de gênero é feita na prática, analisando o papel da mulher nos campos da história, religião, sociedade e política.

3.1 A mulher na história

Quando se volta muito no tempo, no período pré-histórico mais precisamente, em um certo momento a mulher era o centro das primeiras sociedades, pois as pessoas encaravam a fecundação e a fertilidade como a fonte de vida e poder, ato que acreditava-se ser produzido exclusiva e unicamente através da mulher. Durães (2002, p. 132), em seu artigo *Mulher, Sociedade e Religião*, escreveu sobre a época:

Imaginava-se que a mulher possuía um poder mágico que aproximava a mulher do sagrado. (..) A mulher era também divinizada por ter em si os ciclos ou calendários de tempo instalados no próprio corpo. Ao homem cabia servir-se de orientações pelas luas e estrelas – orientações externas ao corpo. Tudo fazia com que a mulher fosse vista com certa superioridade que causava inveja aos homens.

A imagem da mulher era de um ser superior, detentora de poderes mágicos, de calendários próprios, além de fonte de vida. Quando ainda não havia a escrita, a arte servia como documento da história, dito isso, foram encontradas esculturas que mostram a imagem da mulher como uma Deusa ou Mãe, de acordo com Muraro (1993, p. 32, 33):

Analisando-se estas peças, bem como esculturas em cerâmica da mesma época, vê-se que o maior número delas representa figuras femininas. Algumas são esculturas de macho, outras são figuras assexuadas, mas a enorme maioria representa mulheres de seios

grandes, muitas delas bastante gordas, associadas aos cultos de fecundidade. São todas estatuas da Grande Mãe ou da Deusa Mãe, figura da Mãe Terra. (...) Encontram-se essas estatuas em grande quantidade não só na Europa antiga como na América Central e no Extremo Oriente. Deste modo, parece que o culto da Deusa Mãe era universalmente espalhado nesse planeta no fim da Era Paleolítica e no início da Idade do Bronze.

Tudo era visto com endeusamento, pois a mulher era símbolo de fecundidade, vida e reprodução. Ainda assim, elas não exerciam domínio sobre os homens, apenas eram tratadas como iguais. Coube às mulheres uma função específica: dar a vida e cuidar da prole, um poder biológico. Diante disso, Murarro (1993) diz que o poder do homem passou a ser o cultural. Foi nesse momento que as coisas mudaram, quando os homens perceberam que eles também tinham um papel no desenvolvimento da vida.

Nesse período, eles se tornam mais fortes por meio da caça, que permitiu que o uso da força fosse essencial para a sobrevivência. Esse status é construído em cima do pensamento de que a mulher é um ser mais frágil e menos inteligente que o homem, por isso há a dominação masculina. As mulheres assim passaram a exercer um papel voltado ao lar e a cuidar da família. Passavam o tempo trabalhando na coleta de frutas, o que as tornou seres isolados, enquanto que, por outro lado, o homem caçava, se fortalecia e estava mais presente no meio social, a frente das decisões e em posse do poder.

Isso acontecia em todas as sociedades antigas e continuou até as modernas. No Brasil, por exemplo, a mulher do século XX estava bem familiarizada com o conceito de uma *boa dona de casa*, de acordo com Bazanessi (2004, p. 609) “Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina”. As ambições e desejos das mulheres tinham que se moldar a idealização do casamento, em que, para ser feliz, a mulher precisava ter qualidades atraentes para arranjar um bom marido. Ser esposa, mãe e dona de casa eram o que se esperava de uma mulher.

Por outro lado, Bazanessi (2004) diz que o que definiu o papel de homem foi o trabalho, a força e a liberdade de tomar decisões. Observa-se assim que os espaços externos, como o trabalho, religião e política eram ocupados pelos homens, enquanto a mulher era cada vez mais empurrada para o espaço doméstico, a qual era guiada e

dominada, dentro e fora de casa. Um dos motivos principais para que isso acontecesse está ligado a questão religiosa.

3.2 A mulher e Deus

Em um determinado momento da história, a mulher era vista como divindade e mesmo após não ser mais tida assim, sua imagem continuou sendo associada ao sagrado. Isso porque muitas religiões fazem o uso do feminino relacionando-as a deusas, a santas e a ideais perfeitos, fazendo com que a concepção do papel da mulher fosse definida pelas crenças religiosas. No Brasil, o Cristianismo está presente desde a época da colonização até os dias de hoje, por conta disso é importante ver como e se as crenças influenciaram na formação da imagem e papel da mulher.

Os cristãos baseiam sua fé em Jesus Cristo e na bíblia sagrada que, além de trazer os princípios religiosos, é também um documento histórico e a expressão de um pensamento de uma época. Segundo o relato bíblico sobre a criação, Deus, ou Jeová, (figura masculina) criou a terra e o homem a partir do barro. Logo depois que o homem percebe estar sozinho, Deus lhe dá uma esposa, a mulher. A criação da mulher é feita a partir de uma costela do homem, podendo assim ser interpretada pelo viés de que é o homem que gera a mulher, ou seja, ela foi formada depois que o homem já estava feito, criada a partir do primeiro indivíduo, podendo ser vista como hierarquicamente inferior (GÊNESIS 2: 7, 21-23).

Essa mesma mulher, Eva, foi quem, influenciada pela serpente, induziu o homem ao pecado, levando assim todos à imperfeição (GÊNESIS 3: 6, 12). Nesses dois relatos bíblicos tem-se as primeiras impressões sobre a mulher: criada da costela de Adão, desobediente, carnal, influenciável e que levou o homem ao pecado. Saindo dessa imagem “pecadora”, tem-se outra diferente e oposta: Maria. O Novo Testamento leva alguns a crer na imagem de uma mulher santa, virgem, pura, imaculada, humilde, submissa, obediente e devota a Deus, provavelmente com o intuito de contrapor a imagem de ‘fonte do pecado’. Nas palavras de Rosa (2016, p. 116)

Para a Igreja, a imagem da mulher, (...) associa-se diretamente à figura da Virgem Maria. Atributos como sofredora, imaculada, fiel, dócil e silenciosa estão sempre relacionados à existência de Nossa Senhora e, por conseguinte, da mulher. Além disso, a maternidade e a doação de si são muito fortes na definição da Virgem Maria. Esses caracteres compõem o imaginário da mulher perfeita, aliás muito difundido na sociedade brasileira. Não apenas os que seguem preceitos religiosos

(e católicos) partilham essa concepção. Esse imaginário de mulher perfeita, no nosso país, está alastrado. O senso comum também está, pois, permeado pela visão tradicionalista da figura feminina.

A Igreja Católica, assim como as demais também cristãs, sempre ditou e difundiu conceitos relacionados a como viver a vida segundo a vontade de Deus, a como se comportar, o que era permitido ou não, entre outros ensinamentos. Com relação a mulher não foi diferente. O ideal feminino perfeito era a Virgem Maria que, diferente de Eva, seguia o que era ordenado, era resiliente e submissa. Além do mais, Maria foi quem deu à luz ao filho perfeito de Deus, Jesus Cristo. Ou seja, Maria era a santa que trazia a esperança, e Eva deu à luz o pecado, o que trouxe condenação à humanidade. Foi por essa interpretação religiosa que foi definido o papel de gênero dentro e fora da igreja. Dias (1995, p. 14) defende que:

A vida da mulher se confinava ao espaço doméstico. Crescida, ela passava do domínio do pai para o marido, sem ser tida nem havida na transação matrimonial. Humilde, obediente, silenciosa, trabalhadeira, tampouco tinha palavra no tribunal. Não era obrigada a estudar a Torá para a qual, aliás, se julgava não ter capacidade, não podia ler na sinagoga, mas não escapava às impurezas legais, quer por causa dos seus períodos menstruais, quer por causa do parto, em que devia ficar 40 dias afastada do culto.

A religião influenciava na vida da mulher, definindo seu papel de servir ao lar e ao marido. Assim era a tradição, apesar de o próprio Jesus trazer uma outra perspectiva sobre o sexo feminino, por exemplo, quando ele andava publicamente com mulheres pelas cidades pregando, (Lucas 8: 1-3), quando líderes religiosos queriam apedrejar Maria Madalena e ele interveio, acolhendo-a (João 20:8-11), quando a primeira pessoa pra quem Jesus se identificou como Messias foi uma mulher (João 4:25-27), ou até mesmo quando ele foi ressuscitado, onde a primeira pessoa a quem apareceu foi também uma mulher, Maria Madalena (João 20: 11-18). Mesmo com um tratamento diferente da sociedade da época, as religiões preferiram se apegar a outros relatos bíblicos, as tradições e as suas próprias interpretações, que favoreciam o papel do homem.

3.3 A mulher na sociedade e na política

O papel que a mulher desempenha na sociedade foi influenciado pela religião, pela interpretação biológica dessa ser incapaz de realizar as mesmas tarefas masculinas, e também pela história que calou e oprimiu o feminino. Tudo isso afetou

a mulher como ser social, visto que durante muito tempo todas as referências que se tinha sobre o feminino na religião, na bíblia, e na arte foram feitas através do olhar do homem sobre a mulher, que era ou a idealizada, a santa, a pudica, ou era a pecadora, a bruxa e a depravada. O olhar masculino foi quem definiu o que é ser mulher, como deve se comportar e que papel deve desempenhar na sociedade.

Os papéis designados pela sociedade ao elemento feminino tem a ver com responsabilidades domésticas, como cuidar dos filhos, casa e marido. Esse papel é apresentado como algo natural, como se essa responsabilidade fizesse parte da natureza feminina, entretanto, é a identidade social construída que forma os valores atribuídos a ambos os gêneros. Para Saffioti (2002, p. 10):

Rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída. (...) É próprio da espécie humana elaborar socialmente fenômenos naturais. Por esta razão (não) é tão difícil, senão impossível, separar a *natureza* daquilo em que ela foi transformada pelos processos socioculturais. A natureza traz crescentemente a marca da intervenção humana.

O papel definido para homens quanto para mulheres não é algo natural, que cada ser já nasce com ele, mas sim cultural e social. Dessa forma a sociedade impõe, sutilmente, o papel de gênero naturalizando esse processo de uma forma em que a mulher é comumente inferiorizada, responsável estritamente ao lar, sujeita ao homem e de características pré-definidas, desconsiderando, assim, a individualidade e subjetividade de cada ser humano.

Um outro ponto importante com relação a mulher é na questão das legislações e da política, onde ela ainda tem pouco acesso e visibilidade. Toma-se como exemplo o Art. 1º da Declaração dos Direitos do Homem e Cidadãos de 1789, onde diz que “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos”, fazendo um paralelo com as leis britânicas, Claire Michard e Catherine Viollet (1991, p. 60) escrevem:

Charlotte Stopes analisa o uso de “homem” e “mulher” na lei britânica e nos textos que regulam a participação de mulheres em corporações. Ela concluiu que os legisladores do século XIX decidiram que “homem” sempre incluía “mulher” quando havia uma punição a aplicar, e nunca quando havia privilégios a receber.

Apesar da declaração, as mulheres não eram nem livres e nem iguais em relação aos homens, uma prova disso é o direito ao voto. Os primeiros países a

reconhecer o direito ao voto para mulheres foram a Nova Zelândia, em 1893, e a Finlândia, em 1906. O Brasil, que poderia ter sido o primeiro já que em 1891 havia essa luta, só reconheceu no governo Vargas em 1932 (Tosi, 2016). No Brasil, as eleições aos moldes de hoje acontecem desde 1821, porém, apenas 111 anos depois é que as mulheres conquistaram o direito ao voto e passaram a aproximar-se dos mesmos direitos exercidos pelos homens.

Ao longo dessa jornada histórica sobre a visão que se tem sobre a mulher, ficou claro o papel designado a ela no meio religioso, social e político, ecoando assim sobre a sua vida, escolhas, direitos e liberdade. Adiante, será analisado como essa ideologia refletiu na língua e em como ela é usada para reforçar esses papéis.

4. A ideologia no léxico

A cultura, o pensamento e as crenças exercem influências na linguagem, que vem sendo usada nesse caso como uma forma de controle e domínio social do homem sobre a mulher. Bakhtin (1995, p. 41) defende que “As palavras são tecidas a partir de um a multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Sendo assim, em todos os contextos e relações, a ideologia está exercendo sua influência, inclusive através da língua, sendo palavras ditas ou não ditas⁴.

Calero (2002, p. 51) diz “Não se esqueça que o pensamento se modela graças à palavra, e que só existe o que tem nome”. Com isso em mente, pode-se refletir sobre o léxico da língua em que o feminino se forma a partir do masculino⁵.

É conveniente também refletir sobre o comportamento gramatical das palavras, no que tange à concordância dos nomes, já que, mesmo quando a maioria de um grupo se compõe de mulheres. Ou quando o gênero se flexiona sempre no masculino, tornando assim invisível o feminino. quando se transmite sobrenomes da família mantendo o do pai ou marido⁶.

⁴ Não dito, porque aquilo que não dizemos ou não mencionamos é silenciado, tornado invisível.

⁵ Cabe aqui um paralelo com relato bíblico da criação, segundo o qual a mulher veio a partir e depois do homem.

⁶ Nos dias de hoje já permitido o homem adotar o sobrenome da esposa, mas antes disso muitas foram apagadas da história.

No léxico, salta aos olhos a escolha da palavra *homem* para referir-se à humanidade, ou a resistência de nomear em feminino as profissões. Para Caldas-Coulthard (2007, p. 380):

O Português usa o sistema de primazia do masculino também em pares de palavras de gêneros diversos que se referem aos mesmos papéis quando colocados juntos – pai e mãe, filho e filha, rei e rainha. Isto indica que a mulher vem sempre ‘depois’ do homem.

Os exemplos em que há a ideologia no léxico com relação aos papéis de gênero são inúmeros. Toda essa invisibilidade e ocultamento das mulheres através da língua tem contribuído com a cultura que se é possível ver no decorrer da história até os dias de hoje. Lembrando que a língua em si não é sexista, pois a mesma está repleta de recursos que podem ser usados, porém não são, tornando assim o seu uso sexista.

4.1 Na origem das palavras

Verificar a origem de uma palavra serve como um registro histórico do passado, pois nela encontra-se traços dos pensamentos e cultura de uma época. Trazer esse passado para o presente contribui também para o entendimento das coisas nos nossos dias, pois algumas vezes esse vínculo ideológico permanece enraizado tanto na palavra quanto na sociedade.

A princípio, toma-se como base as palavras *Homem* e *Mulher* no latim, o qual Oliveira (1994, p. 24) esclarece:

Desde os tempos mais remotos, muitas sociedades humanas já faziam distinção entre homem (ser humano) e o homem (ser sexual, o macho). (...) o latim – que mais nos interessa aqui – **homo** e **vir** (...) Nas línguas neolatinas, a forma **homo**, além de continuar significando ser humano, passou a significar o ser masculino, no lugar de **vir**. (...) Do homem, passemos à mulher, segundo nos sugere o processo de formação das palavras: hebraico, **ish** (homem, o macho), **ishah** (mulher), e latim, **vir** (homem, o macho), **virago** [mulher(forte)]. Temos, em latim, três palavras para mulher: *mulier*, *femina* e *virago*.

Na língua latina havia a distinção para designar os termos *ser humano*, *homem* e *mulher*, cada um com uma palavra diferente, porém, a palavra que designa o ser humano, *homo*, passou a ser usada também para designar o sexo masculino, e o termo *vir* caiu em desuso. Infere-se que o ser humano por excelência era o homem, não a mulher. A palavra *vir*, usada para o sexo masculino, é da mesma raiz etimológica

da palavra forte e virtuoso, e é dela que se forma a palavra *virago*. Logo ser virtuoso é ser tal qual o homem, já que virtude era sinônimo de força física.

Em Oliveira (1994) entende-se então que a mulher só é vista como forte quando se assemelha ao homem (*vir*). Já a palavra *mulier*, relaciona-se a *mollities*, que quer dizer moleza, fraqueza; quanto a *femina* é da raiz *Fe* de fecunda, fetus, filius, fellare (mamar) e felix (feliz). Assim, ainda de acordo com Oliveira (1994) tendo em mente a raiz e origem das palavras, associadamente a história da sociedade da época, que analisada anteriormente, fica claro o vínculo da significação com a forma.

Um segundo exemplo a ser visto é com relação a origem da palavra designada ao casamento, para Oliveira (1994, p. 24):

Enquanto, para a maioria das sociedades contemporâneas, o verbo casar é aplicado ao homem e a mulher, algumas sociedades primitivas dividiam esta mesma ação compartilhada pelos dois. Em latim, casar, para o homem era **uxorem ducere**, que significa literalmente conduzir a esposa – (o homem, para eles, não era conduzido). Casar, para a mulher – é **nubere**, cuja raiz **nub** -, dentro do Indo Europeu, significa “cobrir com o véu”, ato empregado, até hoje, em alguns ritos religiosos.

Mais uma vez relaciona-se a palavra com o significado dado. A esposa deve ser sujeita ao seu marido, segundo a maioria das culturas, crenças e sociedades. Essa ideologia é refletida mais uma vez na língua, mais precisamente na origem da palavra, onde mesmo sem saber, ainda é bastante comum o véu usado pela noiva.

Um último exemplo são as palavras *patrimônio* e *matrimônio*, sabe-se que patrimônio está relacionado aos bens, e matrimônio ao casamento. A primeira palavra tem a raiz *pater*, que quer dizer pai. A segunda vem de *mater*, que é mãe. Nesse caso, a leitura é clara: ao homem cabe os bens, o trabalho, a posse, e a herança; à mulher cabe o casamento, o lar e a fidelidade.

4.2 Nos Dicionários

Ao proceder análises e comparativos de palavras de dois gêneros nos dicionários também se encontra as marcas ideológicas presentes neles. Antes de verificar algumas dessas palavras, faz-se necessário tecer algumas considerações do que Rey-Debove (1984, p. 49) diz sobre essas compilações:

Pode-se considerar três tipos de dicionários se se leva em conta a informação sobre os signos ou sobre as coisas: o dicionário linguístico, que só dá informações sobre os signos, com exclusão da definição

(dicionário etimológico, por exemplo); a obra enciclopédica, que só dá informações sobre as coisas, incluindo a definição (dicionário técnico de eletricidade, ou então o presente dicionário), e o dicionário de língua, que dá informações sobre os signos, incluindo a definição. Esses três tipos se dividem em dois grupos: o dicionário geral, que trata de todos os signos duma língua dada ou de todas as coisas duma civilização; e o dicionário especial, que só descreve um setor de uma ou da outra. O dicionário etimológico é um dicionário geral, e o dicionário de sinônimos, um dicionário especial.

Ao saber-se, mesmo que superficialmente, da presença desses três tipos de dicionários, já se faz suficiente a percepção de que se usará o de línguas para essa análise, pois será ele que fornecerá informações sobre o signo em si e suas definições. A análise em si será feita a partir de dicionários online, que são de fácil acesso e qualquer pessoa pode verificar e fazer uso do mesmo.

A princípio, observa-se que as palavras da língua portuguesa, em sua forma de entrada nos dicionários, são masculinas. Parece que as formas de feminino são accidentais. Aquelas que têm forma de entrada feminina são nomes de gênero único, ou seja, não têm a forma masculina e talvez somente por isso têm entrada feminina. Uma evidência desse fato é que, nas descrições linguísticas, não há desinência de gênero masculino. As palavras são postas como se o masculino fosse o natural, e o feminino surgisse a partir dele. Além disso, há também a questão semântica em algumas palavras que no masculino significam uma coisa e no feminino outra. Tome-se por base a análise de três dicionários online e suas definições para as palavras: senhor, senhora e senhorita; cortesão e cortesã. Observa-se assim os exemplos retirados dos dicionários on-line Dicio⁷, Michaelis⁸ e Priberam⁹ :

Quadro 1. *Palavras dos dois gêneros e seus significados em três dicionários*

	DICIO	MICHAELIS	PRIBERAM
	Proprietário, dono absoluto, possuidor de algum Estado, território ou objeto.	1 Proprietário ou autoridade feudal, na Idade Média. 2 Dono de algo; proprietário. 3 Dono da casa; amo, patrão. 4 Homem nobre, distinto, geralmente	O que possuía honras ou coutos; o que possuía vassalos; o que tinha autoridade feudal. = FIDALGO Dono da casa em relação aos empregados. = PATRÃO Indivíduo distinto.

⁷ <https://www.dicio.com.br/>

⁸ <https://michaelis.uol.com.br/>

⁹ <https://dicionario.priberam.org/>

SENHOR		com posses ou com boa condição financeira. 5 Indivíduo que exerce poder, domínio, influência.	Título nobiliárquico. Tratamento respeitoso ou de. cerimônia.
SENHORA	Tratamento cortês, dispensado a uma mulher casada e, em geral, a qualquer mulher de certa condição social, com alguma idade ou idosa. Mulher casada em relação ao seu esposo; esposa. Aquela que é dona de alguma coisa; proprietária.	A esposa em relação ao marido Dona de algo; proprietária. Dona da casa; ama, patroa	1. Dona de casa em relação aos empregados. = PATROA 2. Título dado às mulheres, no trato usual. 3. Título de cortesia. 4. Proprietária, dona, possuidora. 5. Mulher adulta. 6. Esposa em relação ao marido.
SENHORITA	Aquela que se encontra solteira; forma de tratamento formal utilizada para tratar uma mulher solteira.	Tratamento cerimonioso que se dá às mulheres jovens não casadas; senhorinha. Mulher solteira; senhorinha.	Forma de tratamento que se dirige a uma jovem solteira. 2. Mulher de pequena estatura; pequena senhora. 3. [Brasil] Menina solteira.
CORTESÃO	Que ou aquele que pertence à corte; palaciano; 1. Gracioso nas maneiras e palavras, delicado, elegante. 3. Aquele que procura agradar com lisonjas e adulações. 3. Homem cortês e afável.	Relativo a corte. 2 Que é civilizado; palaciano. 3 Que é cortês; delicado.	Polido, urbano, delicado. substantivo masculino 4. Homem da corte. 5. Homem adulator. Feminino: cortesã. Plural: cortesãos.
CORTESÃ	Prostituta que atende clientes de classes economicamente altas. [Antigo]	Dama da corte, geralmente a favorita do rei, que vivia de sua generosidade.	Dama da corte. 2. [Antigo] favorita ou amante de soberano.

	Dama da corte ou favorita de um soberano. [Antigo] aquela cujos comportamentos eram tidos como libertinos ou devassos.		
--	---	--	--

Fonte: Autoria própria

Percebe-se nos exemplos dessas palavras o que foi dito no início desse subtópico. Em primeiro lugar o gênero masculino aparece como o natural e o feminino como se surgisse dele.

Na palavra cortesão, o sentido da palavra é positivo: gentil, já no feminino cortesã, é um sentido negativo: devassa, prostituta. Na palavra senhor não se encontra nenhuma referência ao casamento, ou seja, o homem é tratado assim independente da sua idade ou estado civil. Já em senhora, nas três definições pode-se ver uma referência ao marido, e é usada também no trato com mais velhas. A palavra senhorita refere-se a uma mulher solteira, porém não se encontra uma palavra que denote o mesmo significado para homem solteiro. Dessa forma, pode-se afirmar que as palavras e suas definições encontradas em dicionários carregam a ideologia encontrada na sociedade de supremacia masculina.

4.3 Gramática

Na gramática, que rege o uso dito correto da língua falada ou escrita, também é dotada de preconceitos de gênero. Adriano da Gama Kury, em seu livro intitulado “Para falar e escrever melhor o Português”, explana sobre o machismo na linguagem em um de seus capítulos, onde aborda inúmeras regras gramaticais, em especial a concordância nominal. Como se sabe, na língua portuguesa existem dois gêneros, o masculino e o feminino, ainda assim é o masculino que impera em várias situações, como Kury (2012, p. 164) explica:

Os fatos começam a complicar-se quando, numa frase, concorrem substantivos dos dois gêneros: a norma gramatical prescreve, então, que o adjetivo referente vai para o masculino plural.(...) Vale a pena advertir que o gênero gramatical, quando em palavras que designam seres inanimados (ou coletivos), nada tem com sexo: são do masculino as que admitem o artigo o, um, como (o) problema, (um)

jarro; e do feminino os que recebem os artigos a, uma: (a) gente, (uma) jarra. E lá vem a prepotência do masculino: nas enumerações de substantivos de gêneros diversos, mesmo que haja um só do masculino, é nesse gênero que fica, por norma, o adjetivo: “Havia papéis, gravuras, revistas e canetas espalhados sobre a mesa.” (A concordância com o nome mais próximo se considera caso excepcional.) Ocorrem outros casos do predomínio do machismo na língua portuguesa: em palavras em que o gênero gramatical não é determinado, opta-se pela forma do masculino. (...) Outro exemplo está nos nomes que sintetizam substantivos de gêneros diferentes: “Tenho três filhos, duas moças e um rapaz.”; pais representa a soma de pai e mãe; vizinhos é a soma de vizinho+vizinha; os tios incluem tio(s) e tia(s); e assim por diante. O pronome pessoal da 3.^a pessoa do plural assume a forma eles, do masculino, quando substitui nomes masculinos e femininos: “João e Maria saíram: eles vão ao teatro”.

Na gramática normativa as regras dão preferência ao masculino, usado para englobar o feminino, ainda que em situações onde as palavras não têm um gênero determinado ou designem seres inanimados. Mais uma vez o feminino não é dito, tornando-se invisível e oculto.

Marcos Bagno, em seu livro “Gramática pedagógica do português brasileiro”, discorrendo sobre o ensino da gramática normativa, faz uma comparação interessante em relação ao conceito de língua materna e a língua paterna. Nessa discussão, percebe-se que a comparação feita vai além dos termos em si, Bagno (2012, p. 100):

A língua materna é precisamente a língua da mãe(...). Língua do afeto, do desejo, do íntimo, do sonho, vive a margem dos ditames da norma canonizada. A língua materna intrinsecamente variável, doméstica, familiar, idioma (...) Quando, na história de cada sociedade, uma determinada língua – ou mais precisamente, uma das variedades dessa língua – é alçada à condição de língua oficial, ocorre uma importante metamorfose – a língua materna se torna *língua paterna*, transformada em *padrão* (do latim *patronu-*, onde está presente a raiz *pater* ‘pai’, mesmo vocábulo do qual procedem *patrão* e *patrono*). (...) A língua paterna é a língua da Lei, sempre associada a figura do pai (...) A língua materna – língua de *mulher* – sofre na maioria das sociedades as mesmas depreciações dedicadas ao gênero feminino: é o lugar do “erro”, do “desvio”, do “frágil”, do pouco confiável, do instável, do inconvenientemente sensível e sensitivo. Ao pai cabe domar e domesticar esse idioma erradico, conferindo-lhe regras, regimentos, registros, regências, regulamentos. (...) A língua paterna se ergue como patrimônio a ser preservado. Vem devidamente codificada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários. É a *norma-padrão*, identificada com a Pátria. A língua materna vive à margem da Lei, no interior das casas, não deve sair do gineceu.

A língua materna é descrita com as características atribuídas a mãe(mulher): doméstica, afetiva, frágil, sensível, a que é regulada. Já a paterna (homem) é descrita

como a que rege, a correta, superior, oficial, normativa. Mais uma vez, assim como acontece na sociedade, acontece também nas gramáticas.

4.4 Gírias

A gíria é uma das manifestações linguísticas bastante comuns usadas por diversos grupos de pessoas. É uma língua coloquial, ou seja, “o sistema usado no trato diário, um meio de tornar a comunicação possível em cada dia. Serve para a imediata compreensão de situações práticas da vida”, como define Preti (1996). A gíria é comumente usada pelos jovens, como parte de um grupo. Porém, esse recurso também pode ser do tipo que não pertence a apenas um grupo específico e fechado, como declara novamente Preti (1996, p. 139-140):

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada *gíria de grupo*, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos (...). Uma segunda perspectiva, a da *gíria comum*, é a que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação inicial.

Faz-se necessário a análise das gírias consideradas comuns, usadas não por grupos específicos, mas por qualquer tipo de pessoa. Para isso, procedeu-se abaixo a confecção de uma espécie de dicionário de gírias, baseado no livro de Mônica Rector, intitulado “A fala dos jovens”. Esse livro, datado de 1994, analisa a fala dos jovens da época e traz um glossário com as palavras e seus significados. Mesmo passados 25 anos, ainda se observa que algumas dessas palavras são usadas hoje em dia, mostrando assim que o pensamento daquela época ainda ecoa nos dias de hoje. Observa-se as palavras e os significados atribuídos a elas (Rector, 1994):

Quadro 2. *Gírias atribuídas a mulher e seus significados*

Gírias	Significados
AVIÃO	Mulher que possui o físico com formas perfeitas
GOSTOSA	Garota bonita, que provoca atração sexual
PANTERA	Mulher bonita, sensual
CANHÃO	Mulher feia
DRAGÃO	Mulher feia

GALINHA	mulher que se entrega sexualmente com facilidade
JABURU	Mulher feia
JURUBANGA	Mulher feia, baranga
MARIPOSA	Prostituta
PIRANHA	Mulher vulgar, prostituta
VACA	Mulher leviana, feia e gorda
VADIA	Garota de fácil acesso
VAMPIRO	Garota feia, mulher fatal que atrai homens

Fonte: Autoria própria

Algumas dessas palavras perderam seu uso, mas a maioria delas ainda são atribuídas a figura da mulher. O que se percebe é que a aparência do sexo feminino é sempre levada em conta, seja em forma de ridicularização, ou em forma de objetificação sexual. Em contraponto, observa-se algumas formas masculinas:

Quadro 3. *Gírias atribuídas ao homem e seus significados*

FERA	o melhor, o maior, o entendido, o bom naquilo que faz; o craque, o que arrepia
GARANHÃO	gavião, homem que anda atrás de mulher
GAVIÃO	garanhão, homem que anda atrás de mulher, metido a conquistador
GOSTOSO	rapaz de boa aparência
PÃO	rapaz de boa aparência
MALANDRO	esperto, vivo, vadio

Fonte: Autoria própria

Ao comparar-se as palavras referentes a cada gênero, nota-se uma distinção bem significativa, apesar das palavras serem bem semelhantes. Por exemplo, *gostoso* e *gostosa*, a mulher é retratada com teor sexual, enquanto o homem não. O mesmo acontece na expressão *vadio* (malandro) e *vadia* (garota de fácil acesso). Um outro ponto é a comparação com animais. Os homens são exaltados, são os predadores, os espertos. Já as mulheres são associadas a animais que trazem um significado de serem presas fáceis, de estarem disponíveis e de serem depravadas, quase que as

mesmas características dadas ao masculino, que é algo tratado como positivo, porém quando exercida pelo feminino, é tratado como negativo. Um exemplo a ser notado é a gíria “fera”, que apesar de um substantivo feminino, no dicionário refere-se apenas ao masculino, trazendo apenas pontos positivos e qualidades do homem.

As gírias são populares e usadas por várias faixas etárias, sexos, classes sociais. É um recurso linguístico amplo, em que também é usado para disseminar o preconceito e a subjugação feminina. Através de poucos exemplos em meio a milhares de outros, é possível perceber como a sociedade enxerga as mulheres e de que forma reproduz isso através da língua.

4.5 Expressões do dia a dia

Além das gírias, das definições dos dicionários e daquilo que não é dito, existe também algo comum na linguagem dos brasileiros que são as expressões do dia a dia, os provérbios e ditados populares, e até mesmo palavras soltas que são usadas para o feminino e masculino, mas que carregam uma significação totalmente oposta. No livro intitulado “Maria da Penha, Lei com nome de mulher”, da autora Leda Maria Hermann (2007, p. 28-30), traz um certo jogo de palavras difundido na internet:

Homem de vida fácil: o que não precisa trabalhar para sobreviver; mulher de vida fácil: a que vive da prostituição (= puta). Homem vadio: aquele que não gosta da labuta; mulher vadia: a que deita com vários parceiros (= puta). Homem público: o que desempenha funções políticas ou estatais; mulher pública: prostituta (popularmente = puta). Homem vulgar: o que não tem refinamento; mulher vulgar: a que se comporta de forma sexualmente agressiva e irreverente, atirada (= puta). Homem “puto”: bravo, zangado, furioso; mulher puta: ... puta! (...) Homem bom: o que age com bondade e generosidade; Mulher boa: de corpo bonito, que desperta apegote sexual (= gostosa). Homem sério: sujeito responsável, cumpridor dos seus deveres, bom pagador; mulher séria: a de um único leito. Homem de respeito: considerado, aceito, bem-sucedido; mulher de respeito: a que não admite cantadas ou investidas. Homem honesto: bom pagador, justo, correto; mulher honesta: a que é virgem, sexualmente monogâmica (se casada ou comprometida) ou sexualmente não-ativa (se não virgem, solteira, descomprometida).

Os adjetivos mudam completamente de sentido quando se fala em substantivos masculinos e femininos, até mesmo os que são para designar algo positivo, acabam se tornando ruim quando se referem a mulher. Há também a questão do domínio masculino, observado nas palavras *séria*, *respeito* e *honesto*. Todas elas fazem referência a mulher em relação ao homem, lembrando que não há nenhuma

referência ao contrário. Nas palavras *boa*, *vadia*, *pública*, nota-se uma conotação sexual, o que também não se encontra no masculino.

Observa-se a seguir a análise de um blog de humor retirado da internet, que se intitula ‘Até a língua portuguesa é machista?’

Quadro 4. *Palavras da língua portuguesa e significados*

Palavras	Significados
Cão	Melhor amigo do homem
Cadela	Puta
Vagabundo	Homem que não trabalha
Vagabunda	Puta
Touro	Homem forte
Vaca	Puta
Pistoleiro	Homem que mata pessoas
Pistoleira	Puta
Aventureiro	Homem que se arrisca, viajante, desbravador
Aventureira	Puta
Garoto de rua	Menino pobre, que vive na rua
Garota de rua	Puta
Homem da vida	Pessoa letrada pela sabedoria adquirida ao longo da vida
Mulher da vida	Puta
O galinha	Homem conquistador, que “traça” todas
A galinha	Puta
Puto	Nervoso, irritado e bravo
Puta	Puta

Fonte: Autoria própria

Nesse blog humorístico nota-se que as mesmas expressões designadas tanto para homens quanto para mulheres mudam seus sentidos de acordo com o gênero. Isso acontece não por alguma razão gramatical, mas por uma razão semântica e social, pois os homens são tidos socialmente como superiores, com características vistas como qualidades. Como exemplo, a mesma expressão designa a mulher como *puta*, designa o homem como *puto*, no entanto, as conotações são completamente opostas, sendo a pejorativa pertencente unicamente a palavra que designa o feminino, mesmo quando essas características são exatamente iguais as masculinas.

Além do mais, há os ditados populares, que correspondem as expressões utilizadas popularmente, ou seja, não há distinção social para quem fala, de acordo com Prado e Batista (2011, p. 40):

O ditado popular ou provérbio é uma frase de caráter popular, com texto mínimo, de autor geralmente anônimo, e que se baseia no senso comum de um determinado contexto. Cada comunidade desenvolve ou promove os ditados em função de suas características culturais, econômicas e sociais.

Percebe-se assim que os ditados populares são baseados em características culturais das comunidades e são reproduzidos e criados de acordo com um contexto de uso real, ou seja, levam em consideração o senso comum, dessa forma, cabe dizer que se determinado dito popular traz consigo características preconceituosas e sexistas, levando a crer que os ditados populares reproduzem as características de sua própria sociedade. Muitos desses ditados populares são baseados na figura feminina e trazem consigo algum reflexo negativo da mulher na sociedade, alguns desses ditados são claramente estendidos a ambos os gêneros, mas por questões machistas e preconceituosas são usados em um contexto exclusivamente feminino. No quadro abaixo encontram-se alguns exemplos:

Quadro 5. *Ditados populares e a carga de preconceito ao gênero feminino.*

Ditados	Significados
Mulher no volante, perigo constante.	É colocada a mulher a característica exclusiva de sempre ser uma péssima motorista.
Lugar de mulher é na cozinha	Pensamento sexista sobre a mulher ser a responsável pelas tarefas domésticas.
Santinha do pau oco	Mulher que se finge de santa/boa e sem pecados.
Ao diabo e a mulher, nunca falta o que fazer	Coloca-se a mulher como sendo uma pessoa arteira e perversa, assim como é visto o diabo.
Briga de marido e mulher, ninguém mete a colher	Dá ao marido o direito sobre a vida da esposa, além de calar a sua voz enquanto ser humano.

Mulher honrada não tem ouvidos	Como se a mulher, para preservar sua honra, devesse ser neutra, obediente e calada.
Onde canta galo não canta galinha	Colocada ao feminino o silêncio perante ao homem.
Prenda as cabras, que os bodes estão soltos	Colocada ao feminino o isolamento para que não se “perca”, pois o masculino tem o direito de estar “solto”
Quem pariu Mateus, que o balance.	Dada à mulher a responsabilidade unilateral pela criação do filho.
Zangam-se as comadres, descubrem-se as verdades.	Dada a mulher a característica de fofqueira.

Fonte: Autoria própria.

Observa-se claramente no quadro que diversos ditados populares transferem à mulher responsabilidades para com a casa e com os filhos, obrigações que são masculinas e femininas. Além do mais, percebe-se o retrato da mulher como sendo sempre aquela que é arteira, perversa, safada e fofqueira. Os ditados obviamente refletem as características de uma sociedade marcada pela desigualdade entre os gêneros e que refletem nas palavras e construções linguísticas todas essas diferenças.

Ainda existem inúmeras expressões e palavras soltas que podem ser citadas, como “sexo frágil”, “mulher e bolacha em toda parte se acha”, “Deus me livre de mula que faz *him!* e de mulher que sabe latim.” (Kury, 2002). Há também o termo doença venérea, que vem de origem do nome da Deusa Vênus, onde o homem usa a ‘camisa de vênus’, para evitar a ‘doença venérea’, entendendo-se assim que a mulher é a única portadora e transmissora da doença.

Até mesmo os termos ofensivos, ou palavrões, como “filho da puta”, tem relação com a imagem da mulher. Ou também algumas ofensas direcionadas a masculinidade do homem como “mulherzinha”. Todos esses ditados populares, expressões, gírias, termos e palavrões, comprovam o que escreveu Bakhtin (1995, p 43): “Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na

comunicação sócio ideológica”. Entendemos assim que palavras traduzem bem o pensamento e cultura da nossa sociedade com relação as mulheres.

Considerações finais

O estudo realizado permitiu analisar a presença das marcas ideológicas (visão de mundo) na forma e significação das palavras. Para tanto, reafirmou-se o papel da Filologia e outras áreas da Linguística como suporte para essa verificação. Em vista dos argumentos apresentados, fica evidente que historicamente a mulher é vista na sociedade, religião e política como um ser subjugado pelos preconceitos sociais e que tais preconceitos se refletiram diretamente no léxico em muitas comunidades, pois, como visto, a língua é aquilo que os falantes também são.

Ao analisar-se as marcas do feminino na língua, é possível perceber que a mulher é quase sempre depreciada ao passo que o homem, por outro lado, é valorizado e adjetivado como superior e até mesmo lhe é incentivada a prática de diversos comportamentos preconceituosos para com a mulher.

Além do mais, a análise de diversos grupos de palavras foi responsável pela reafirmação de que a língua reflete a cultura, os costumes e os comportamentos individuais e coletivos de uma sociedade. Tanto a gramática, quanto as expressões do dia a dia possuem uma carga de ideologia de gênero em seu interior, deixando transparecer em diversas ocasiões a postura submissa que deveria ser assumida pela mulher, tanto no seu intelecto, quanto nos seus mais variados comportamentos.

O que se pode afirmar, é que a gramática em si não é sexista, mas sim os diversos usos que se fazem dela. Dessa forma, cabe a reflexão voltada ao uso da língua em todos os tipos de situações e ambientes. A colocação da língua como pertencente ao homem, no seu sentido denotativo reflete a exclusão da mulher como ser social e detentora dessa mesma língua. Por esse motivo, a língua só será menos machista, se a sociedade se tornar menos machista, tornando-se mais inclusiva de modo a não reforçar os preconceitos de gênero. Este comportamento se refletiria na língua, que, conseqüentemente, reforçaria essas atitudes mais igualitárias, já que esta, passaria a veicular o discurso da não opressão do homem em relação à mulher.

A principal conclusão a que chegamos, embora não definitiva, é a de que tanto o léxico como a gramática veiculam, de forma silenciosa, discursos que retratam a

nossa realidade histórica e social, pois as ideologias presentes no âmago das palavras e na base de uma estrutura gramatical, embora se tornem invisíveis aos olhos não treinados ou desatentos, dificilmente serão apagadas pelo tempo.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. 1 ed., 2 re. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem** 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BÍBLIA. Português. **Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas**. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2014.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres nos anos dourados**. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 7ed., São Paulo: Contexto, 2004.

CALDAS-COULTHARD, C. R. **Caro Colega: exclusão lingüística e invisibilidade**. In: *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 373–389.

CARVALHO, Nelly de. **Publicidade. A Linguagem da Sedução**.3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CASTRO, I. **Enquanto os escritores escrevem...** (Situação da crítica textual moderna). Atas do IX Congresso Internacional da Associação da Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). vol.1. Campinas: Unicamp, 1992.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DIAS, G. C. **Perspectivas bíblicas da mulher e monarquismo medieval feminino**. In: *Revista da Faculdade de Letras – História*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1995. Vol XII, p. 9-46. Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2020.pdf>. Acesso em outubro de 2019

DICIONÁRIO. **Dicio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em novembro de 2019.

DICIONÁRIO. **Houaiss**. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>

DICIONÁRIO. **Michaelis**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>> Acesso em novembro de 2019.

DICIONÁRIO. **Priberam**. Disponível em: <<https://dicionariopriberam.org>> Acesso em novembro de 2019.

DURÃES, Jaqueline Sena. **Mulher, Sociedade e Religião**. 2009

HERMANN, Leda Maria. **Maria da Penha: Lei com nome de mulher: considerações à Lei nº 11.340/2006: contra a violência doméstica e familiar, incluindo comentários artigo por artigo**. Campinas, SP : Servanda, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 8.ed.(rev. e atualizada). São Paulo: Ática, 2007.

KURY, Adriano da Gama. **Para falar e escrever melhor o Português**. 2 ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital LTDA, 2012.

MICHARD, C.; VIOLLET, C. **Sex and gender in linguistics**. *Feminist Issues*, v. 11, n. 1, p. 53–88, 1991.

MURARO, Rose Marie. **Breve introdução histórica**. In: KRAMER, Heinrich.; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum. O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

OLIVEIRA, Josenir Alcântara de. **O Homem e a Mulher à luz da Etimologia**. Expressão. Revista do departamento de letras da UFPI.v.1-Nº1-1994.

PERROT, M. **As mulheres ou os silenciosos da história**. Bauru: EDUSC, 2005

PRETI, Dino. **A gíria na cidade grande**. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, 1996, v. 54, p. 139-43.

RECTOR, Mônica. **A fala dos jovens**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes Ltda, 1994.

REY-DEBOVE, J. — **Léxico e dicionário**. Trad de Clóvis Barleta de Moraes. Alfa, São Paulo, 28(supl.):45-69, 1984.

ROSA, Gerlice Teixeira. **NOTICIABILIDADE E IMAGENS DE SI: ser mulher e ser notícia em jornais direcionados para mulheres**. Tese Doutorado.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

TOSI, Marcela. **A conquista do direito ao voto feminino**. 2016

<<https://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>> Acesso em novembro de 2019.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 () Monografia
 (X) Artigo

Eu, Naiara de Araújo Lima Verde Viana, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação A carga ideológica de gênero no léxico do português: uma análise filológica, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de janeiro de 20 20.

Naiara de Araújo Lima Verde Viana

Assinatura

Luiz Egito de Souza Barros
 Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

Assinatura